

O TRABALHO DIDÁTICO NAS SOCIEDADES MESOPOTÂMICAS

EL TRABAJO DIDÁTICO EN LAS SOCIEDADES MESOPOTÁMICAS

THE DIDACTIC WORK IN MESOPOTAMIC SOCIETY

Jander Fernandes Martins¹

Vitória Duarte Wingert²

Resumo: O presente trabalho é fruto de um estudo realizado pelos autores em disciplina vinculada ao PPG Processos e Manifestações Culturais-FEEVALE, objetivando “identificar e analisar as formas históricas de educadores na civilização mesopotâmica”. Para isso, valeu-se de uma pesquisa bibliográfica em manuais da História da Educação. O referencial teórico-metodológico pautou-se na categoria analítica *Organização do Trabalho Didático, Formações socioculturais e Processo Civilizatório*. Por fim esse estudo demonstrou ser o *escriba*, a primeira forma histórica de *preceptorado*. Constituindo seu trabalho didático, a partir de um instrumental didático e em um *local específico*, os *zīgurats*. A pertinência desse estudo se revelou profícuo, pois os estudos sobre as civilizações Antigas, na perspectiva marxista/marxiana, apresentam instigantes reflexões, abrindo um leque de discussão merecedor de atenção.

Palavras-chaves: Formações Socioculturais; Escriba; História da Educação; Organização do Trabalho Didático; Processos Civilizatórios.

Resume: El presente trabajo es fruto de un estudio realizado por los autores en disciplina vinculada al PPG Procesos y Manifestaciones Culturales-FEEVALE, con el objetivo de identificar y analizar las formas históricas de educadores en la civilización mesopotámica. Para ello, se valió de una investigación bibliográfica en manuales de la Historia de la Educación. El referencial teórico-metodológico se basó en la categoría analítica Organización del Trabajo Didáctico, Formaciones socioculturales y Proceso Civilizatorio. Por fin este estudio demostró ser el *escriba*, la primera forma histórica de *preceptorado*. Constituyendo su trabajo didáctico, a partir de un *instrumental didáctico* y en un lugar específico, los *zīgurats*. La pertinencia de este estudio se reveló provechoso, pues los estudios sobre las civilizaciones antiguas, en la perspectiva marxista/marxiana, presentan instigantes reflexiones, abriendo un abanico de discusión merecedor de atención

Abstract: The present work is the result of a study carried out by the authors in a discipline linked to the PPG Processes and Cultural Manifestations-FEEVALE, aiming to "identify and analyze the historical forms of educators in the Mesopotamian civilization". For this, it was used a bibliographical research in manuals of the History of the Education. The theoretical-methodological reference was based on the analytic category Organization of Didactic Work, Sociocultural Formations and Civilization Process. Finally, this study proved to be the scribe, the first historical form of preceptorship. Being his didactic work, from a didactic instrument and in a specific place, the *zīgurats*. The pertinence of this study proved to be fruitful, since the studies on the ancient civilizations, in the Marxist / Marxian perspective, present instigating reflections, opening a range of discussion worthy of attention.

Keyword: Sociocultural Formations; Scribe; History of Education; Organization of Didactic Work; Civilization Processes.

Introdução

O presente trabalho é fruto de um estudo realizado durante três anos o qual envolveu paulatinos e densos estudos sobre a constituição histórica do *trabalho docente*. Neste processo, buscou-se compreender e captar as diferentes formas históricas de relação educativa produzida pelo homem em sociedades.

Tal empreendimento nos permitiu vislumbrar alguns elementos constitutivos do “fenômeno educativo” que, em suas primeiras formas históricas foram “*natural, espontânea, não-intencional*”, mas que com o avanço das relações sociais e, por conseguinte, com a complexificação das formas históricas de relação educativa, acabaram por tornarem-se *intencionais, sistematizadas, portanto, pedagógicas*. Inaugura-se assim, os “tempos pedagógicos”, constituídos de elementos técnicos oriundos de outras esferas da relação social, como por exemplo, do trabalho, da religião e da política. (ALVES, 2005; CAMBI, 1999)

Alguns estudos realizados partem da constatação que nos primórdios das civilizações o que ocorria era uma “relação educativa”, pois havia um ato espontâneo e não-intencional entre um indivíduo que através de canções, epopeias, rituais e danças transmitem todo o legado cultural de sua comunidade para os demais membros da sua tribo. (HAVELOCK, s/d)

O material analisado foi manuais/livros de História da Educação e Pedagogia e obras que trataram do tema educação em períodos específicos³. Esses materiais tiveram como finalidade responder a seguinte indagação “*Qual a forma histórica de educador responsável pelo Trabalho Didático na Civilização Mesopotâmica?*”.

Para essa indagação, optou-se pelo esquema analítico e conceitual denominado *Organização do Trabalho Didático*⁴ (OTD), assentado à luz da *Ciência da História*⁵ se trata de proposição marxiana. Assim, enquanto empreendimento teórico-metodológico, “constitui-se, conceitualmente, nos limites de outras categorias mais centrais, tais como trabalho e organização técnica do trabalho, e as implica” (ALVES, 2005, p. 10).

Assim, se objetivou identificar e analisar as formas superiores de educadores, “teoricamente é relevante, pois realiza o preceito metodológico segundo o qual as formas mais desenvolvidas de um dado fenômeno são as chaves para a compreensão das formas menos desenvolvidas” (ALVES, 2006, p. 13).

Metodologicamente, por se tratar de um estudo no qual, partiu-se de uma perspectiva da Ciência da História a “*abordagem da pesquisa*” caracterizou-se por ser de *Ordem Materialista Histórico-Dialética* (MARX; ENGELS, 2008; MARX, 2008). Concepção esta a qual, acredita-se estar em acordo com os objetivos gerais da pesquisa as quais almejavam produzir uma constituição das “formas históricas de educadores”.

Tal empreendimento ganha sustentação (teórica e conceitual), a partir do momento em que, concebe-se o fato de que “cada época, concretamente, produz a relação educativa que lhe é peculiar. Isto é, produz uma forma histórica de educador” (ALVES, 2005, p. 11), ou seja, se cada época produz suas formas históricas de relações sociais concretas, pode-se então pressupor a possibilidade de se analisar as diferentes épocas e identificar no interior destas, as formas históricas de educadores e com isso, produzir e sistematizar (futuramente) um mapeamento destes indivíduos em seu ato de relação educativa/ofício/trabalho, os quais também foram produzidos concretamente no transcorrer da história do homem em seus respectivos contextos histórico.

Desta forma, optou-se por levar em consideração os diferentes “contextos históricos” e não os “períodos da história” os quais comumente são utilizados como parâmetros nos manuais de história da educação⁶.

A razão de tal escolha está na significação que Karl Marx, em *Formações Econômicas Pré-Capitalistas* (2011), dá a expressão “*formações econômico-sociais*” como “*formações socioculturais*”. Sentido este que vem de encontro com a concepção de “*processo civilizatório*” de Darcy Ribeiro (1987).

Realizar uma aproximação teórica de uma vertente cultural antropológica à uma concepção marxiana se revelou pertinente e interessante, visto que

O conceito de processo civilizatório permite essa abordagem conjunta porque ressalta, **na sua acepção global**, a apreciação dos fenômenos de desenvolvimento progressivo da cultura humana tendentes a homogeneizar configurações culturais. E valoriza, **na sua acepção limitada**, os fatores de diferenciação das culturas singulares, só explicáveis como esforços de adaptação a condições ecológicas e históricas específicas e como produto de uma criatividade própria, capaz de apresentar respostas alternativas aos mesmos incitamentos básicos. (RIBEIRO, 1987, p. 41, grifos do autor)

A partir destas duas perspectivas, “*Formações Socioculturais*” de Karl Marx e “*Processo Civilizatório*” de Darcy Ribeiro, visto que àquela assenta-se suas premissas sobre a análise das bases produtivas (econômicas) de uma dada sociedade e, esta última, tanto em sua acepção “global” quanto na acepção “limitada” permitiria compreender em determinado grupo social os seus aspectos culturais, econômicos, políticos, sociais.

Darcy Ribeiro (1987, p. 31, grifo dos autores) assim se pronuncia:

Karl Marx, em seu estudo das formações pré-capitalistas [...] assinala que o rompimento evolutivo da condição primitiva pode assumir diversas feições, conforme o tipo de propriedade que o dinamize. Dentre elas cita especificamente a **Formação Asiática**, que designamos como **Teocrática de Regadio**; a **Antiga Clássica**, que chamamos de **Mercantil Escravista**; a **Eslava**, que ele não definiu claramente; e a **Germânica**, que Marx identifica com os primeiros passos do feudalismo europeu. Os dois primeiros caminhos não constituem necessariamente, a seu ver, etapas sucessivas e obrigatórias da evolução cultural, mas formas alternativas (de ruptura com a condição tribal), através das quais diferentes sociedades podem ter chegado ao Feudalismo, passando ou não pelo Escravismo.

Aproximar esses conceitos à questão de Periodização envolve transitar por entre os entendimentos de: *Modo de Produção Asiático – Formação Socioeconômica – Formações Socioculturais – Processo Civilizatório*.

Portanto, esses foram os elementos teórico-metodológicos que fundamentaram e nortearam as análises realizadas nos manuais de história da educação (e pedagogia). Esquemas conceituais esses que nos permitiram categorizar e delinear, histórica, cultural e civilizatoriamente, os diferentes contextos e formações socioculturais, a Mesopotâmia e no interior dessa, o nosso objeto de análise, o tipo histórico de sujeito responsável pelo trabalho didático.

A Mesopotâmia e o Trabalho Didático do Escriba.

De acordo com Gingras, Kating, Limoges (2007, p. 1), “A história das ciências só começa verdadeiramente com a escrita, a qual permite registrar o saber [...]”. Nesse sentido, as civilizações do

Tigres e Eufrates são nossas maiores expoentes e inauguradoras já que “[...] foram as que primeiro usaram a escrita e dela se serviram”.

Com o surgimento das chamadas “civilizações hidráulicas”, estas civilizações em sua relação com o meio foram os primeiros grupos a produzirem e sentirem transformações sociais, isto é, “Revoluções de Regadio” e, conseqüentemente, assentaram-se em estruturas político-estatais de natureza teocrática. Da confluência desses elementos é que surgem os primeiros “Impérios Teocráticos de Regadio” (RIBEIRO, 1987, p. 97). É no berço da sociedade mesopotâmica (e também na egípcia e, anteriormente a ambas, na sumérica) que se inaugura a dimensão do “ensino e da aprendizagem”. Produzir um sujeito produtivo para sua comunidade já era desde meados do terceiro milênio antes de nossa era, elemento de preocupação e atenção no interior dos Impérios Teocráticos de Regadio. (RIBEIRO, 1987)

Para que isso ocorresse, se fez necessário um tipo de organização social um modo de produção e uma relação social se fez necessária, a “vida sedentária”. Essa só foi possível pelas condições favoráveis ao desenvolvimento de forças produtivas, em especial a de tipo “agricultura hidráulica”. Essa por sua vez, intimamente desenvolvida em um “sistema Teocrático”, permitiu a “acumulação dos produtos agrícolas” aumentando consideravelmente a “densidade populacional”. (RIBEIRO, 1987)

Esse excedente de produtos acumulados, “[...] gerado a partir de um templo ou de um palácio exigia a criação de um sistema de repartição desse mesmo excedente e de um exército destinado a protegê-lo [...]” (GINGRAS, KEATING, LIMOGES, 2007, p. 4). Como decorrência desse desenvolvimento de forças produtivas, modificam-se e se aprimoram as relações sociais, produzindo “conhecimentos diversos” como a astronomia, medicina, construíram bibliotecas. (ARANHA, 2006, p. 47)

Nesse processo de desenvolvimento e organização sociocultural, os “sistemas de engenharia hidráulica” foram determinantes. Dentre outros elementos, os que consubstanciaram esse processo de desenvolvimento organizacional, citam-se “[...] a generalização da metalurgia do cobre e do bronze e a cerâmica, a invenção dos azulejos, novas técnicas e novos materiais de construção e, ainda o desenvolvimento da escrita ideográfica e da notação numérica.” (RIBEIRO, 1987, p. 98)

Esses Impérios Teocráticos destacaram-se no universo da cultura material e imaterial, em especial no plano sociopolítico, pela “unificação” dos “controles políticos e militares, bem como da capacidade reguladora e integradora da religião e pela monopolização das atividades produtivas e comerciais” (RIBEIRO, 1987, p. 99).

Para Darcy Ribeiro (1987, p. 100),

a envergadura dos empreendimentos estatais e a complexidade técnica dos mesmos obrigaram este corpo burocrático a especializar-se e, em certa medida, a secularizar-se, de modo a capacitar o pessoal necessário ao planejamento e à direção [...] além da implantação de instituições educacionais de transmissão formal do saber tradicional e também do técnico-científico.

Outras necessidades emergem nesse processo, qual seja a “criação de um grupo de servidores do Estado”. Segundo o antropólogo brasileiro, dois seriam os fatores: “a necessidade imperativa de

capacitação dos corpos técnico-burocráticos através da educação formal; e os impulsos de defesa dos privilégios e direitos adquiridos por parte das camadas dominantes” (RIBEIRO, 1987, p. 100).

Nesse processo de construção de um Império Teocrático de Regadio, as relações produtivas são claras, embora havendo distinções entre camponeses e artesãos, onde ambos produziam com fins de atender as necessidades gerais/sociais da comunidade, acabavam por destinar o seu excedentes à camadas superiores. Pois dado a sua natureza teocrática, a população contribuía com sua produção “para o culto dos valores, crenças e glórias que também para eles tinham sentido” (RIBEIRO, 1987, p. 102).

Ribeiro (1987, p. 103) ainda destaca que a “instituição religiosa” teve um “papel econômico”, dentro do sistema egípcio, por exemplo, determinante, pois ela “regulava tanto a vida econômica quanto a vida social do Império”. Controle e poder esse que se estendia também às “instituições educativas”, os *zigurats*, os quais “preparavam seu próprio corpo sacerdotal e os quadros superiores dos outros estratos dominantes”.

Conforme se desenvolveram essas forças produtivas e socioculturais de caráter Teocrático, as camadas intelectuais produzidas no interior dessas mesmas *formações* foram um dos elementos fundantes e influenciadoras na organização e surgimento de outras formações socioculturais e econômicas surgidas concomitante e posteriormente à eles, como a eslava e a grega. (BEER, 2006; RIBEIRO, 1985)

É nessas formações organizacionais, denominadas por Darcy Ribeiro (1985) de Impérios Teocráticos de Regadio e, por Marx (2011) de Formações Pré-capitalistas germânicas e asiáticas em que surge uma necessidade socioeconômica e cultural que exigirá a produção de um determinado tipo histórico de homem estatal, burocrático, sacerdotal e intelectual, a saber, o escriba.

Responsável pela administração pública e pela transmissão educacional, os escribas, como já assinalado, são a prova cabal do acentuado desenvolvimento orgânico da sociedade antiga, em um curto espaço de tempo. Nunca na história educacional, um tipo específico de sujeito responsável pelo trabalho didático de sua comunidade foi tão importante quanto o escriba. Régis Debray (1983, p. 11) vai afirmar: “O escriba é um Estado encerrado em um homem” e Gingras, Keating, Limoges (2007, p. VIII) considerarão como o “primeiro tipo de detentor do saber que codifica os conhecimentos através do uso de uma técnica nova: a escrita⁸⁷”.

Régis Debray (1983, p. 31) assevera:

O escriba nasce funcionário, a serviço de uma administração monárquica ou sacerdotal. [...] Os escribas são às vezes divinizados como os reis a que servem como contadores e arquivistas [...] O escriba não é um homem importante no meio de outros, mas um homem capital, diretamente ligado à capital, e aos capitais, às cidades e aos estoques. [...] Por vocação e natureza, o escriba inclina-se para o lado dos deuses e dos comandantes, não dos artesãos ou dos técnicos [...].

Por apresentar uma divisão de classes bem definida e articulada, pressupõe-se que, no campo da instrução assim também o seria. Isso se confirma, pois havia um tipo de educação para os governantes e outro tipo de educação para o povo. Mais ainda, no interior desta havia outra subdivisão, uma educação de caráter manual e outra de caráter literário.

Eram inúmeras as funções e ofícios exercidos por esse grupo de sujeito. Para confirma isso, C. Lucas (pp. 42-43, s/d), apresenta-se uma lista parcial dos títulos do final do III milênio antes de nossa era, cuidadosamente, designados em sumério e acade:

Notário ou <aquele que gravava as chancelas> (musar=musarru), o **medidor** ou <arquivista> (asàga=sasukku), o **escriba militar** (kilu úbgarra=tupsarr ummani), o **escritor e gravador de estelas** (kabsar=kapsarru), o <**escriba da circunscrição administrativa**> (arua), o **copista** (gestula=sukkuku), o **conselheiro da corte** (umunak=tupsarr assuru) que prodigalizava conselhos (nadiga=masartu) aos reis, governadores e secretários públicos dos funcionários superiores (em antigo babilônico: zagga=zazakku), **escriba vulgar** para as classes obreiras (erinna=tupsarr sabe) [...] **escriba do cálculo** (dubsar nisid) [...].

Nessa descrição acima, se identifica a posição, a especialização e o caráter dos diferentes ofícios realizados por cada sujeito mesopotâmico iniciado na vida de escriba. Perscrutando essas divisões e subdivisões, confirma-se aquilo que Thomas Giles (1987, p. 7) revela: “[...] os sacerdotes formam o primeiro grupo a ser liberado do trabalho diretamente relacionado com a subsistência, para dedicar-se à supervisão das atividades econômicas e rituais”.

Essa classe de sujeitos, ao mesmo tempo sacerdotal, assumiu também a função social do que hoje, denominaríamos de “funcionários públicos”, ou seja, além de conservar a escrita, o ensino, também tinha o dever de conservar e registrar todo o acúmulo produtivo da sua cidade-Estado. (LUCAS, s/d, pp. 37-41)

Outra constatação é a distribuição dos ofícios em subdivisões, isto é, aos dois grandes polos de instrução mesopotâmica: para a vida prática (de caráter técnico, para o trabalho) e/ou para vida literária (de caráter intelectual destinado as tarefas público-administrativo). (GINGRAS, KEATING; LIMOGES, 2007; LUCAS, s/d)

Giordani (1972, p. 153) afirma que

Os escribas da Mesopotâmia deixaram-nos um tesouro imenso de tabuinhas de conteúdo literário através das quais podemos fazer uma ideia da riqueza da literatura mesopotâmica e de seus diversos gêneros: jurídico, histórico, religioso, epistolar, científico, linguístico, etc.

A preparação dos escribas para atender as necessidades sociais vigentes, no interior de sua comunidade, eram múltiplas. Isto é, recebiam uma formação e instrução que os conduziam ora para atividades destinadas aos templos (religiosos), ora para os palácios, nos quais eram responsáveis pela catalogação de textos, etc. Estes eram os dois caminhos almejados por todos os mesopotâmicos que desejavam galgar o ofício de escriba.

Gingras, Keating, Limoges (2007, p. 10) assinalam que, havia uma base comum a todos os candidatos a vida de escriba e gradativamente, iam se especializando conforme suas aspirações:

os escribas formavam um grupo homogêneo e recebiam a mesma formação de base. Não obstante, havia especializações. Assim, na Mesopotâmia, os escribas encarregados dos estabelecimentos de calendários e das previsões astrológicas não tinham a mesma formação nem o mesmo estatuto social dos que eram responsáveis pelos contratos comerciais [...] Juntamente com os escribas-funcionários trabalhavam os escribas-poetas que, através de relatos históricos, inscrições, hinos e poemas, retocavam a imagem do rei dos deuses e justificavam o seu poder.

No entanto, nem todos conquistavam o “seu lugar ao sol” neste ofício, pois, embora se tratasse de uma profissão de ascensão social e prestígio, essas condições eram alcançadas por poucos, os quais demonstravam nítido talento na arte da escrita, da fala e/ou do cálculo conforme o fragmento supracitado.

Além disso, “o fato dos escribas desempenharem um *papel ativo na economia* de uma *sociedade de iletrados*, constitui outro indício do seu alto estatuto. Os escribas vangloriavam-se frequentemente das suas *funções de conselheiros dos soberanos*” Lucas (s/d, p. 45).

Tal argumentação, na qual busca justificar indicativos da importância social deste grupo, não deve ser desconsiderado, pois, como destacado neste fragmento, em uma “sociedade de iletrados” àqueles quem possuísem a capacidade e habilidade da escrita e do cálculo, eram privilegiados e o que tudo em dica, ocupavam altos cargos na vida econômica, administrativa, política e religiosa de sua comunidade.

Esse trabalho didático, apresentava uma forma histórica de relação educativa, mediados por um instrumental em um determinado local específico:

a experiência escolar formava o escriba e ocorria em ambientes aparelhados para escrever tabuletas de argila, sob o controle de um mestre (*dubsar*), pelo uso de silabários e segundo uma rígida disciplina. Central na escola [...] era formar um técnico (justamente o escriba) [...]. (CAMBI, 1999, pp. 65-66)

Assim, se vê todo um ideal formativo com relação a formação de um tipo específico de sujeito para atender as demandas socioculturais e produtivas de grupo de cidades-Estados, organizado em torno de um Império Teocrático de Regadio.

Considerações

Assim, o escriba surge como uma forma acabada de “educador”, pois quanto as suas “funções”, este grupo apresenta-se estruturado no que se refere a sua formação e preparação tanto no que se refere às de ordem prática e técnica, como às de ordem intelectual literária.

No que diz respeito as suas “características”, este grupo desde o seu surgimento, apresentou-se como um grupo sacerdotal, sacralizado, político, administrador, gozando de status social, pertencentes a um grupo de intelectual elitista, sempre envolvido com atribuições vinculadas ao templo ou ao palácio.

Também se constata haver uma forma histórica de relação educador-educando específico, “o preceptorado” ora individual, ora em pequenos coletivos. Relação essa, mediada por um instrumental didático, os tabletes de argila (e em alguns casos, o papiro), intrinsecamente, ligada à aprendizagem da escrita. Tudo isso, desenvolvida em um local específico, o *zigurat*.

Deste modo, o que se revelou nesse estudo é que esses detentores do saber educativo promoveram e deram cabo às exigências educacionais e pedagógicas ao seu tempo. Conforme destacou Gilberto Alves (2005), o preceptorado perdurou desde a Antiguidade Oriental (3500ac) até a transição da Idade Média para a Idade Moderna (séc. XV).

O que nos parece claro é o fato de que só depois de se estabelecer um sistema de relações sociais (teocráticas) e forças produtivas (agrícolas e hidráulicas) é que em determinados locais (cidade-

Estados), impõem-se necessidades de produzir um tipo específico de sujeito com uma finalidade social, a de produzir, preservar, transmitir e gerir todo um volume de produção social, material e cultural, historicamente acumulada, esse sujeito é o escriba.

Completando o triplo aspecto didático, também surgem “instrumentos didáticos” (tablete de argila) e um “local específico” para a efetivação desse ofício, o *ziguat*. Assim percebe-se que, no plano mais genérico, o trabalho técnico realizado por esses sujeitos, desde meados do III milênio AC, é permeado por “elementos atemporais”. Essencialmente, as características do trabalho didático realizado pelos escribas mesopotâmicos perpetuam-se ainda na contemporaneidade.

Portanto, a pertinência desse estudo realizado se revelou profícuo, pois os estudos sobre as civilizações Antigas, na perspectiva marxista, apresentam instigantes reflexões e possibilidades de discussões. Sem a intenção de esgotar o tema, nos parece que, aproximar os esquemas conceituais aqui utilizados, abre um leque de discussão que em nosso entendimento merece destaque e foco.

Referências

ALVES, Gilberto Luiz. **O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas**. Campinas, SP: Autores Associados. 2005.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3ª ed. rev. ampl. – São Paulo: Moderna, 2006.

BEER, Max. **História do Socialismo e das lutas de classes**. Trad. Horácio de Melo. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

CAMBI, Franco. **Historia da Pedagogia**. trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (EPU), 1999.

DEBRAY, Régis. **O escriba – gênese do político**. Trad. Marcos de Castro Retour Edições Ltda. 1983.

GILES, Thomas Ranson. **História da Educação**. São Paulo – E.P.U. 1987.

GIORDANI, Mario Curtiz. **História da Antiguidade Oriental**. 3ª ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. Trad. João Bernard da Costa e Antônio Ramos Rosa. 2ª ed. Moraes editora. 1970.

HAVELOCK, Eric. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Trad. Ordep José Serra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HAVELOCK, Eric. A educação numa Sociedade sem Escrita. IN: MIALARET, Gaston; VIAL, Jean (coord.) **História Mundial da Educação – vol. I. – Das Origens a 1515**. Trad. Evaristo Costa. RÊS-editora. Coleção Biblioteca da Educação. (s/d)

HOBBSAWN, Eric. Prefácio IN: MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Trad. João Maia, Revisão Alexandre Addor. 5ª ed. Paz e Terra. 1986.

LANCILLOTTI, Samira Saad Pulchério. **A Constituição Histórica do Processo de Trabalho Docente**. Unicamp-SP. Campinas, SP: [s. n.], (Orientador: Jose Luiz Sanfelice, tese de doutorado- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação), 2008.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. Trad. de Luiz Aparecido Caruso; rev. de Selma Cury; 12ª Ed. SP; Tomo I; Ed. Mestre Jou; 1974.

LEACOCK, Eleanor Burke. Posfácio: Introdução à edição estadunidense. IN: **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan**. 11ª ed. Trad. Leandro Konder. Expressão Popular. 2010.

LUCAS, Christopher. A educação dos escribas e a instrução na Mesopotâmia. IN: MIALARET, Gaston; VIAL, Jean (coord.) **História Mundial da Educação – vol. I. – Das Origens a 1515**. Trad. Evaristo Costa. RÉS-editora. Coleção Biblioteca da Educação. (s/d)

MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Trad. João Maia, Revisão Alexandre Addor. 5ª ed. Paz e Terra. 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Feuerbach – A oposição entre as concepções materialista e idealista. Trad. Frank Muller. 3ª ed. Martins Claret, 2008.

MARTINS, Jander Fernandes. O trabalho didático e sua forma histórica nas comunidades primitivas. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, nº 57, p. 338-352, jun-2014, ISSN 1676- 2584.

MIALARET, Gaston; VIAL, Jean (coord.). **História Mundial da Educação – vol. I. – Das Origens a 1515**. Trad. Evaristo Costa. RÉS-editora. Coleção Biblioteca da Educação. (s/d)

RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório: estudos antropológicos; etapas da evolução sociocultural**. 9ª ed. Petrópolis; Vozes, 1987.

Nome:

- ¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais - FEEVALE. Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação TIC-EDU pela Universidade Federal de Rio Grande- FURG concluída em 2014. Graduado em Pedagogia - Licenciatura Plena (diurno) na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM concluindo em 2011. Atualmente é Concursado em Educação Infantil na Rede Municipal de Campo Bom/RS, atuando e desenvolvendo atividades de Coordenação Pedagógica em Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) da mesma rede de ensino. Além disso, participa do Conselho Municipal de Educação (CME) na mesma cidade como Vice-presidente. Também realiza estudos e pesquisas, desde o período da Graduação, na área de Educação com ênfase em: Organização do Trabalho Didático, História da Educação, Educação Infantil, Sociedade e Trabalho, priorizando o enfoque nos Processos e Manifestações Culturais e na Diversidade Étnico-racial. Email: martinsjander@yahoo.com.br
- ² Historiadora formada pela Universidade FEEVALE, atualmente é professora na Rede Municipal de Campo Bom, atuando com alunos do segundo ano (alfabetização) e quarto ano do Ensino Fundamental. Atua pesquisando principalmente os seguintes temas: o ensino de História, cinema e ensino, e práticas docentes inovadoras. Cursa Especialização em Ensino de Filosofia para Ensino Médio (UFSM), Literatura Infantojuvenil (FISIG) e Mídias na Educação (IFSUL). Email: vitoriawingert@hotmail.com
- ³ As obras foram as seguintes: Alves (2005); Aranha (2006); Beer (2006); Cambi (1999); Giordani (1972); Giles (1987); Gingras; Keating; Limoges (2007); Gusdorf (1970); Havelock (1996); Lancillotti (2008); Larroyo (1974); Mialaret; Vial (s/d).
- ⁴ Segundo Alves (2005, p. 10-11, grifos do original) “No plano mais genérico e abstrato, qualquer forma histórica de **organização do trabalho didático** envolve, sistematicamente, três aspectos: a) ela é, sempre, *uma relação educativa* que coloca, frente a frente, uma **forma histórica de educador**, de um lado, e uma **forma histórica de educando(s)**, de outro; b) realiza-se com a **mediação** de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento; c) e implica um **espaço físico** com características peculiares, onde ocorre”.
- ⁵ Como argumenta Alves (2005, p. 3), mesmo sendo discutível esta terminologia conferida por Marx e Engels (2008), “principalmente por ter sido suprimida quando da revisão do texto de *A Ideologia Alemã*, ainda é preferível [...]”. Assim sendo, entende-se por Ciência da História, “a radical revelação da historicidade das obras humanas, inclusive da própria concepção que a preside, bem como da forma de produzir conhecimento que lhe é pertinente”. Complementando tal aceção, Lancillotti (2008, p. 1) assim acrescenta: “a despeito de ter sido suprimida na versão final do manuscrito, esta nota explícita a adesão radical dos autores ao entendimento de que todas as obras humanas são históricas, um princípio que deve iluminar toda análise social”.
- ⁶ Nesse sentido, exemplificamos alguns: *Antiguidade, Idade Média Baixa, Idade Média Alta, Modernidade, Contemporaneidade* como sugere Cambi (1999), *Proto-História, Pré-história e História* em Giordani (1972) ou ainda *Estágio Selvagem, Barbárie e Civilizatório* como propõe F. Engels (2010).
- ⁷ É nesse processo dialético de domínio das forças produtivas e do meio no qual estão inseridos, que vão surgindo determinadas necessidades, como as de organização política, a qual exigirá a produção de um determinado tipo histórico de função social, a qual exigirá domínio da notação numérica e da escrita. Essa função será realizada por um tipo específico de homem teocrático.
- ⁸ Segundo os estudos de C. Lucas (s/d, p. 42), o termo/palavra para designar escriba mais antiga encontrada é em sumério, “*umbisq*”. Posteriormente, essa função e grupo social serão designados por um termo mais comum, “*dubsar*” que significava “aquele que escreve em placas de argila” (CAMBI, 1999, p. 65).

Recebido em: 11/07/2017

Aceito em: 06/11/2017